

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS-PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

RAFAEL FAGUNDES ALVES

**A REVERSIBILIDADE DO DISCURSO RELIGIOSO: UM OLHAR PARA
PREGAÇÕES EVANGÉLICAS E CATÓLICAS SOB A PERSPECTIVA DA
ENUNCIÇÃO**

BAGÉ

2019

RAFAEL FAGUNDES ALVES

**A REVERSIBILIDADE DO DISCURSO RELIGIOSO: UM OLHAR PARA
PREGAÇÕES EVANGÉLICAS E CATÓLICAS SOB A PERSPECTIVA DA
ENUNCIÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Letras-
Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do
título de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Isabel Cristina Ferreira Teixeira

BAGÉ

2019

A474r Alves, Rafael Fagundes

A reversibilidade do discurso religioso: um olhar para pregações evangélicas e católicas sob a perspectiva da enunciação / Rafael Fagundes Alves.

29 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2019.

"Orientação: Isabel Cristina Ferreira Teixeira".

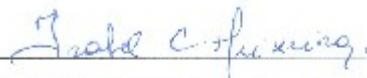
1. Religião. 2. reversibilidade. 3. enunciação. I. Título.

RAFAEL FAGUNDES ALVES

**A REVERSIBILIDADE DO DISCURSO RELIGIOSO: UM OLHAR PARA
PREGAÇÕES EVANGÉLICAS E CATÓLICAS SOB A PERSPECTIVA DA
ENUNCIÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 06 de dezembro de 2019.

Banca examinadora:



Profª. Drª. Isabel Cristina Ferreira Teixeira
Orientadora



Prof. Dr. Thiago Santos da Silva
Unipampa



Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos
Unipampa

Dedico este trabalho a vovó Donatila que segurou em minha mão nos momentos mais difíceis, tornando-se o esteio de minha vida.

AGRADECIMENTO

Agradeço aos professores, que sempre estiveram dispostos a ajudar em minha formação, em especial minha professora orientadora, que de forma profissional e humana me acolheu, foi paciente e compreensiva com meus atrasos, dúvidas e equívocos.

Muito obrigado a todos!

RESUMO

A religião é parte importante da sociedade por influenciar diretamente seus integrantes e definir condutas, sugerir ou impor comportamentos. A linguagem, o discurso e elementos formais da língua que seus representantes utilizam para transmitir suas doutrinas e ideologias, são procedimentos eficazes, contundentes e comuns a qualquer religião. Neste trabalho, tendo como fundamentação teórica a teoria da enunciação, analisamos pregações religiosas proferidas em igrejas evangélicas e católicas na cidade de Bagé, RS a fim de verificar quais estratégias enunciativas e formais são utilizadas pelos pastores e ou padres para o convencimento de seus interlocutores. Também analisamos a questão da reversibilidade dos enunciados na enunciação. Para esse trabalho aplicamos uma análise qualitativa, onde utilizamos recortes de pregações religiosas, que consideramos significativos para o estudo. Com esse trabalho, esperamos contribuir para a reflexão sobre o tema enunciativo da reversibilidade. Divulgar nos meios acadêmicos e na sociedade em geral os resultados encontrados.

Palavras-Chave: Religião. Reversibilidade. Enunciação.

ABSTRACT

Religion is an important part of society because it directly influences its members and defines conduct, suggests or imposes behaviors. The language, speech, and formal elements of language that their representatives use to convey their doctrines and ideologies are effective, blunt, and common procedures for any religion. In this paper, based on Benveniste's theory of enunciation, we analyze religious preaching in evangelical and catholic churches in the city of Bagé, RS, in order to verify which enunciative and formal strategies are used by pastors and or priests to convince their interlocutors. We also analyze the issue of the reversibility of utterances in utterance. For this work we applied a qualitative analysis, where we used clippings of religious preaching, which we considered significant for the study. With this work, we hope to contribute to the reflection on the enunciative theme of reversibility. Disseminate the results found in academia and society in general.

Keywords: Religion. Reversibility. Enunciation.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	14
2.1 Enunciação e intersubjetividade.....	15
2.2 Enunciação e dialogismo.....	16
2.2.1 A autoria sob a ótica bakhtiniana.....	17
2.3 A reversibilidade.....	19
3. METODOLOGIA.....	21
4. PREGAÇÕES RELIGIOSAS: Análise de pregações no contexto evangélico e católico.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
6. REFERÊNCIAS.....	30

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A religião é tão antiga quanto o próprio homem, seu surgimento está diretamente ligado ao florescer da consciência humana. Entretanto, os estudiosos do assunto ainda não chegaram a um consenso teórico sobre o surgimento do pensamento religioso. Para Monteiro (1990), as teorias sobre o tema transitaram pelo conceito da alma consciente, vida após a morte, controle da natureza, pensamento mágico e a existência de um ser transcendente. Vejamos o que diz Monteiro (1990) sobre o assunto:

O homem descobre que as forças naturais não podem ser controladas por ele. É este sentimento de impotência que estaria na base do surgimento das crenças religiosas. O homem inventa seus deuses quando descobre que o mundo lhe resiste (MONTEIRO, 1990, p. 10).

Monteiro (1990) também estuda a oposição entre pensamento mágico e pensamento religioso. A autora entende que este assunto é importante para um estudo sobre o surgimento da religião. As discussões começaram com a tentativa de unificar os conceitos e definir as diferenças entre essas duas práticas sociais. Para Monteiro (1990), a distinção se estabeleceria fundamentalmente em torno de duas oposições básicas:

A magia trabalharia com forças imanentes à natureza, enquanto a religião veneraria forças transcendentais. A magia se definiria como um culto individual, tendendo para o privado, enquanto a religião constituiria um fenômeno coletivo e público (MONTEIRO, 1990, P. 8).

Desse modo, a religião estaria filiada à existência de poderes superiores ao homem, atribuindo a esses poderes o controle da natureza. Já para a magia, a natureza não seria regida pelos desejos pessoais das divindades, mas por leis imutáveis e mecânicas. Desse modo, o mágico poderia calcular e controlar com precisão a natureza, independentemente dos caprichos dos deuses. No entanto, para Monteiro (1990), existem oposições a essas definições, porque a religião e magia são igualmente complexas e se interpõem. Monteiro utiliza como exemplo, um ritual de matriz africana, mas essencialmente brasileira (umbanda), muito praticada no Brasil. É na umbanda que a interpelação é explicitada, isso porque nelas as divindades ao possuírem o corpo de seus fiéis, praticam a magia. Assim como na religião

cristã, onde muitos fiéis são possuídos por “demônios” e ou adoram representações concretas das divindades, como as imagens de santos que, também, acontece na magia. O exemplo mostra a dificuldade de distinguir religião e magia em termos de oposição como: imanência/transcendência, simplicidade/complexidade e concreto/abstrato.

A dificuldade de desenvolver uma teoria que explique a fundação das religiões, não impossibilitou o nascimento de matrizes religiosas pelo mundo. Forças poderosas que influenciaram as sociedades durante séculos e continuam a influenciar atualmente. Verificamos, principalmente no cristianismo católico, uma multiplicidade de vertentes religiosas, doutrinas e interpretações bíblicas que acabaram provocando divisões importantes na Igreja. Surgem os protestantes que, por sua vez, se subdividem em outras vertentes.

O cristianismo mudou. Desde as primeiras pregações de Jesus e a adoção do cristianismo como religião oficial de Roma pelo imperador Constantino (com a fundação da igreja católica), que a doutrina cristã está mudando. Pois os protestantes cresceram e se espalharam pelo mundo, instaurando uma nova maneira de pregação religiosa e implantando a ideologia da prosperidade. Além das pregações que interpelam, advertem e ameaçam, também utilizam veículos de informação em massa como a televisão, rádio e as redes sociais. Desse modo, as igrejas podem atingir um número enorme de fiéis em potencial e difundir a promessa de salvação e de prosperidade.

Este trabalho analisa elementos desse universo, das pregações católicas e evangélicas, para entender as estratégias enunciativas e discursivas empregadas por padres e pastores, em pregações, para transmitir suas doutrinas e ideologias. Entendemos que existem indícios de que somente uma voz é autorizada nesse contexto, deixando para os fiéis apenas a opção de obedecer e aceitar os enunciados propostos (ORLANDI, 2006). Essa dificuldade de ouvir a voz dos fiéis dá origem a questionamentos: Por que essas vozes são apagadas? Onde está o princípio da reversibilidade? Os padres e ou pastores, através de seus enunciados, possibilitam a reversibilidade ou procuram levá-la a zero?

Diante dessas questões encontramos no princípio da reversibilidade o tema para este trabalho, porque entendemos ser indispensável esse processo de produção de enunciados em que o locutor da enunciação passa a ser interlocutor; e este último volta a enunciar. Essa troca de turnos que se dá na enunciação é o que chamamos de reversibilidade. Para Benveniste (2006), o processo interativo locutor/interlocutor ou enunciação, é a condição essencial para a conversão da língua em discurso, pois sem ela o discurso não se dá, não surge e não se completa.

Antes de definir a problemática desse projeto, optamos primeiramente por conceituar o papel do vicário no discurso religioso e sua relação com a enunciação. Para Orlandi (2006), o discurso religioso é autoritário, pois aquele que fala produz enunciados de um lugar específico (vicário), ele está autorizado pelo estatuto que este representante ocupa, e por sua vez, produz enunciados “no lugar de”, ou seja, a voz do vicário representa a voz de Deus.

Estudar a relação entre o vicário e seus interlocutores nos permite chegar ao problema encontrado para este projeto. Qual seja, quando um pastor, padre ou bispo se apropria da língua para produzir enunciados em um contexto religioso, a possibilidade da reversibilidade está prevista ou tende a reduzir-se a zero? Ainda, será que os vicários promovem apenas a ilusão da reversibilidade? Durante uma pregação, somente uma voz é autorizada (a voz do pregador)? Ou os fiéis que ali estão a ouvir os enunciados que este locutor autorizado profere, participam efetivamente produzindo enunciados que revertem para o locutor? A reversibilidade é possível no discurso religioso?

Levando essas questões em conta, temos como objetivo geral o de analisar a reversibilidade do discurso religioso, mais especificamente, em pregações evangélicas e católicas. E como objetivos específicos, os que se seguem:

- Analisar aspectos do aparelho formal da língua, enfatizando o discurso do locutor;
- Analisar enunciados proferidos na pregação, observando se favorecem o apagamento ou a manifestação da reversibilidade;
- Refletir sobre o lugar de vicário, realizado pelos locutores, pastor, padre ou bispo, nos discursos analisados;
- Avaliar, a partir da análise formal e enunciativa das pregações, as possibilidades de reversibilidade do discurso religioso.

Considera-se que a realização desse trabalho é oportuna e importante por tratar das relações entre enunciadore, a partir da teoria benvenistiana da enunciação, principalmente a partir da possibilidade de reversibilidade dos enunciados. A enunciação é essa troca de turnos entre enunciadore, é o que caracteriza a comunicação. O estudo também pode ser considerado apropriado, pois a partir de então temos a oportunidade de refletir sobre o discurso religioso e entender como se dão as relações enunciativas dentro das igrejas, ou em qualquer outra situação enunciativa.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Para Flores (2013), Émile Benveniste é considerado o grande linguista da enunciação e principal representante da teoria enunciativa. Sua reflexão sobre a linguagem, línguas e a língua é produto de um grande debate a respeito dos grandes temas que cercam a natureza humana. Benveniste produziu muito em sua carreira. Além dos estudos discursivos, pragmáticos, enunciativos e textuais, ele dedicou textos à filosofia, psicanálise, sociologia, antropologia e lógica etc. Justamente por essa rica produção, é necessário selecionar princípios teóricos para entender sua obra, ou seja, escolher um ponto de vista e, a partir dele, selecionar um *corpus* e aplicar os procedimentos teóricos decorrentes da teoria, já que sua obra compreende um emaranhado de termos, conceitos e noções que trazem múltiplas possibilidades e maneiras de entender a enunciação como: o aparelho formal de enunciação, nele, as categorias de pessoa/não pessoa, entendidas como índices específicos, e as grandes funções sintáticas, apresentadas como procedimentos acessórios; a subjetividade na linguagem, dentre outros (FLORES, 2013).

Incluimos também neste estudo elementos da teoria enunciativa de Bakhtin, porque entendemos que Benveniste e Bakhtin são complementares. Ambos compreendem o sentido a partir da enunciação, esse momento irrepetível da produção do enunciado. Compreendemos que o aparelho formal da língua significa na interação entre os interlocutores, na enunciação. A partir dos estudos de Bakhtin, podemos dizer que a linguagem é um produto vivo e que seu sentido se estabelece na interação social. A língua, nessa perspectiva, é entendida não como um sistema abstrato de formas linguísticas, mas como um processo de evolução, constituído pelo fenômeno social da interação verbal, que se realiza através da enunciação. Para Bakhtin (2005), é muito importante entender que todo enunciado é dialógico, assim podemos dizer que todo enunciado é atravessado por outros enunciados. Cada enunciado nos remete a outros, mas que é único em seu tempo de produção, e conta com elementos como a pessoa, o espaço e o tempo que são essenciais na interação. Bakhtin entende que o sentido se constitui na interação entre enunciador e enunciatário. Para o autor o dialogismo é uma relação entre enunciados e esse é o modo real de funcionamento da linguagem.

2.1 Enunciação e intersubjetividade

Para Benveniste, enunciação é colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. Essa definição surge da distinção que o autor faz entre o emprego das formas, por um lado, e o emprego da língua, por outro. Vejamos o que Benveniste (2006) entende por emprego das formas:

Todas as nossas descrições linguísticas consagram um lugar frequentemente importante ao “emprego das formas”. O que se entende por isso é um conjunto de regras fixando as condições sintáticas nas quais as formas podem ou devem normalmente aparecer, uma vez que elas pertencem a um paradigma que arrola as escolhas possíveis. Estas regras de emprego são articuladas a regras de formação indicadas antecipadamente, de maneira a estabelecer certa correlação entre as variações morfológicas e as latitudes combinatórias dos signos (acordo, seleção mútua, preposições e regimes dos nomes e dos verbos, lugar e ordem, etc.) (BENVENISTE, 2006, p. 81).

Por outro lado, Benveniste (2006), entende como emprego da língua a apropriação do sistema, para produzir em atos singulares um aparelho de enunciação que é, por sua vez, constituído pelos índices específicos e procedimentos acessórios.

Essa distinção que Benveniste faz entre emprego das formas e o emprego da língua caracteriza a enunciação, ou seja, é essa mobilização da língua que o locutor faz por sua conta. Esse processo de apropriação individual da língua, instala inevitavelmente o locutor e o alocutário no ato enunciativo, possibilitando a enunciação. Veremos o que Benveniste (2006) diz sobre o assunto:

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno.

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir em relação à língua, como processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro.

Mas imediatamente, desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda a enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário. (BENVENISTE, 2006, p. 83-84).

Estas condições que regem a produção dos enunciados estão diretamente ligadas ao aparelho formal de que o locutor se apropria para instaurar a enunciação. A partir dos estudos de Benveniste, podemos dizer que o locutor, ao se apropriar do aparelho formal da língua, deixa marcas que possibilitam analisar sua posição na enunciação. Sendo assim, o locutor utiliza os índices específicos, de um lado, e procedimentos acessórios, de outro. Mas o que são esses “índices e procedimentos”?

Para Benveniste (2005), o processo de apropriação da língua está relacionado ao aspecto “do ato”, portanto, intersubjetividade (locutor e alocutário). Esta apropriação se dá pelos numerosos índices de ostensão, indicativos da pessoa, do tempo e do espaço e que claramente caracterizam o “eu – tu – aqui - agora” de cada enunciação. Esses são os indicadores de pessoa, tempo e espaço que o locutor mobiliza em seus enunciados.

Quais são os procedimentos acessórios? Segundo Benveniste (2005), “não existe a possibilidade de listá-los exaustivamente, pois o inventário dos empregos de uma palavra poderia não acabar e um inventário dos empregos de uma frase, não poderia nem começar” (Benveniste, 2005. p. 139). Para o autor é possível responder essa pergunta, conceituando os procedimentos acessórios como um processo de agenciamento das formas, ou seja, a conversão total da língua em discurso e a constituição do sentido a partir de escolha e do agenciamento das formas por um locutor no uso efetivo da língua. Para complementar a reflexão, Benveniste explica que a enunciação põe em funcionamento as grandes funções sintáticas, que podem ser pensadas como “procedimentos pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram” (BENVENISTE, 2005, p. 83). Índices específicos e procedimentos acessórios constituem o aparelho formal da enunciação. São múltiplos e variados. Os procedimentos permitem ao locutor produzir sentido ao seu alocutário e, para isso, o locutor pode mobilizar a interrogação, que é uma enunciação construída para suscitar uma resposta; a intimação que se caracteriza pelas ordens e apelos,

marcados muitas vezes pelo imperativo. Temos ainda a asserção que pode ser afirmativa ou negativa. A asserção comunica uma certeza. Essas funções sintáticas são mobilizadas para produzir sentido e relacionar locutor e alocutário na enunciação.

2.2 Enunciação e dialogismo

Para Bakhtin a enunciação é essencialmente dialógica, esse é o conceito articulador de seu pensamento. Sua teoria está alicerçada pelas noções de linguagem, palavra, signo ideológico, sujeito, estilo, compreensão, dentre outros. Bakhtin explica a enunciação como centro de referência do sentido dos fenômenos linguísticos. Dessa forma institui o sujeito na interação. Sendo assim, a perspectiva bakhtiniana não concebe o estudo da língua a não ser na enunciação (FLORES; TEIXEIRA, 2009, p. 150).

Encontramos semelhanças entre as teorias de Bakhtin e Benveniste quando Bakhtin (1995) diz que, no enunciado, “as palavras adquirem certa expressividade que deixa de ser típica e torna-se individualizada, em função do contexto individual, irreproduzível” (BAKHTIN, 1995, p.311). Desse modo, podemos supor que a teoria bakhtiniana da enunciação, alicerçada na interação dialógica locutor/interlocutor, reconhece também a importância das questões formais da língua por reconhecer o ato individual.

2.2.1 A autoria sob a ótica bakhtiniana

Chegamos à autoria para realizarmos um de nossos objetivos, para compreendermos melhor o papel do vicário, este locutor que prega em nome de deus, seja pastor, padre ou bispo. Chegamos assim ao questionamento sobre autoria. Para isso, reportamo-nos a Sobral (2013) que, alinhado a Bakhtin, entende que as noções de autor e autoria se constituem a partir de aspectos sociais, discursivos e de interação. Para Sobral (2012), os seres humanos se definem como criadores de sentido e não reprodutores. Eles agem assim diante das sociedades:

[...] o sujeito humano se cria e se recria a si mesmo no mundo, mas de forma alguma é autor do mundo, o que nem por isso faz dele mera peça numa suposta engrenagem social e histórica (SOBRAL, 2012, p. 136).

Para o autor, o sujeito não é fonte do seu dizer, porque sua condição de produtor perpassa pelo discurso já dito. Dessa forma, todo enunciado é dialógico e não monológico. Mas pode haver um enunciado que tenha a intenção de ser monológico e irrefutável e, quando isso acontece, esse discurso se mostra, em termos composicionais, voltado para a neutralização das vozes que o constituem, instaurando uma só voz dominante. Em contrapartida, o discurso dialógico torna presente às vozes que o constituem. De acordo com Bakhtin (2006), os enunciados são dialógicos e perpassados por outros enunciados. Sendo assim, não existe um sentido primeiro ou sentido derradeiro, eles se renovam diante de cada enunciado, produzindo novos sentidos.

Para Bakhtin (1995), pensar no autor é pensar no princípio dialógico e nos elementos sociais e históricos que atravessam os enunciados envolvidos na autoria. Vejamos o que Sobral (2012) diz sobre a questão:

Falar de autor segundo Bakhtin implica pensar no contexto complexo em que este age, envolve considerar, de um lado, o princípio dialógico (o que segue a direção do interdiscurso) e, do outro, os elementos sociais, históricos, etc. que formam o contexto da interação (SOBRAL, 2012, p.129).

Bakhtin (1995) entende que, para o evento discursivo se manter, é imprescindível que o outro esteja presente. Pensando em nosso objeto de análise, quando a consciência com que interage o autor é um deus onipotente, tem-se o acontecimento religioso (oração, culto, ritual). O autor que estudamos se dirige ora à divindade, ora aos fiéis. Sobral, explicando a autoria, avalia esse terceiro elemento, o ouvinte, e argumenta que este afeta a relação autor/ouvinte. Para Sobral (2012), essas premissas são importantes para a instauração do autor:

[...] é evidente: o grau de proximidade/distanciamento do autor com relação ao outro, ao ouvinte, tanto no âmbito do discurso estético como nos outros âmbitos, podendo-se verificar que, dada uma modalidade de discurso, ou gênero, o

enunciador é levado a assumir esta ou aquela posição com relação ao outro (SOBRAL, 2012, p. 130).

Compreendemos que a posição assumida pelo autor depende do grau de proximidade ou de distanciamento entre autor e ouvinte, entre locutor e interlocutor, depende também do gênero mobilizado na situação de enunciação.

Bakhtin constrói o autor através da observação de elementos dialógicos, principalmente a interação e o atravessamento de outros enunciados. Segundo Sobral (2012), Bakhtin define o autor como o resultado da interação com o grupo social de que faz parte. O autor, nessa perspectiva, não pode ser confundido como indivíduo, mas como instância de produção do discurso. Esse autor se situa na instância da linguagem, não como sujeito empírico. Podemos dizer que, no discurso religioso, o autor é constituído na estreita relação interativa com os interlocutores. Dessa forma, o autor nesse contexto reúne os enunciados e o silêncio dos fiéis para se constituir diante deles.

2.3 A reversibilidade

Para tratar da reversibilidade, voltamos a Benveniste, dessa vez via Orlandi (2006) que define a reversibilidade como a troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui. Essa definição não determina de forma cristalizada o lugar do locutor e do ouvinte no processo discursivo. O lugar do locutor/alocutário não se define em sua essência, pois um se define pelo outro, através dos enunciados emitidos. Esta interação locutor/alocutário possibilita o processo de reversibilidade. Para Orlandi, (2006) a reversibilidade é fundamental para a constituição do discurso:

Ao propor a reversibilidade como condição do discurso, procuro estabelecer que, sem essa dinâmica na relação de interlocução, o discurso não se dá, não prossegue, não se constitui (ORLANDI, 2006, p. 239).

Orlandi (2006) trata o discurso religioso como autoritário, sendo assim, existe a tentativa de levar a zero a reversibilidade. Com isso surge a ilusão:

Todas as formas de discurso, entretanto, têm como parâmetro essa noção e, se tratando do discurso autoritário, gostaríamos de observar que, embora não haja reversibilidade de fato, é a ilusão da reversibilidade que sustenta esse discurso. Isso porque, embora o discurso autoritário seja um discurso em que a reversibilidade tende a zero, quando é zero o discurso se rompe, desfaz-se a relação. (ORLANDI, 2006, p. 240).

Essa tentativa de tornar zero a reversibilidade no discurso religioso não se efetiva já que um locutor, invariavelmente, postula um interlocutor na enunciação e esse interlocutor mesmo no silêncio produz significado. Para Orlandi (2006) o silêncio, assim como a palavra, tem suas condições de produção; por isso, o sentido do silêncio varia, ou seja, ele é tão ambíguo quanto a palavra. Orlandi, através de sua reflexão destaca dois pontos importantes acerca do silêncio: o primeiro diz respeito ao silêncio imposto pelo locutor opressor que denota exclusão instituindo uma forma de dominação do interlocutor. Em contrapartida, o silêncio proposto pelo interlocutor pode ser uma forma de resistência. Nesse sentido, supomos que no discurso religioso o silêncio imposto pelo locutor, colabora com a dominação, deixando para o interlocutor a possibilidade de submeter-se através do silêncio. Vejamos o que Orlandi (2006) entende sobre essas duas formas de silêncio:

Ambas produzem uma ruptura, no caso, desejada. Por outro lado, o silêncio pode produzir uma ruptura não desejada. Inscreve-se nesse caso aquilo que se chama ruído da comunicação (ou seja, a comunicação mal sucedida). Há ainda a ruptura categórica entre interlocutores ocasionada pela destruição do contato: é o silêncio radical (ORLANDI, 2006, p. 263).

O segundo ponto destacado por Orlandi (2006), diz que a fala é silenciadora em vários níveis. Desse modo, os enunciados de um locutor opressor, ao contrário de calar, podem obrigar o interlocutor a dizer o que se quer ouvir ou, no caso da situação de pregação, o que se espera para aquele momento no ritual em curso:

A fala pode ser silenciadora quanto ao que se diz. Em certas condições, se fala para não dizer certas coisas, para não se permitir que se digam coisas que causam transformações, limites, ou melhor, como diria Caetano, para não se dizer (ou deixar dizer) as outras palavras. Nesse sentido, a fala é silenciadora enquanto domínio do mesmo (ORLANDI, 2006, p. 264).

Nesse sentido podemos supor que o silêncio, assim como a palavra, tem significado. Desse modo, mesmo com o silêncio dos interlocutores durante uma pregação a reversibilidade é possível.

3. METODOLOGIA

Para atingir os objetivos do trabalho, realizamos uma pesquisa qualitativa, ou seja, importa a qualidade em detrimento da quantidade; levamos em conta, a partir de aspectos linguísticos e enunciativos, três cultos religiosos que foram gravados e posteriormente transcritos quais sejam duas pregações evangélicas e uma católica. Queremos entender como a problemática da reversibilidade se apresenta no interior do discurso religioso e, para isso, utilizamos como fonte teórica central teorias enunciativas. Investigamos os procedimentos enunciativos e formais que são utilizados durante as pregações, dessa forma poderemos detectar ou não a possibilidade de reversibilidade, seu apagamento e ou ilusão.

É através da observação qualitativa dessas pregações que poderemos entender a dinâmica adotada pelos vicários, no que diz respeito à enunciação produzida por eles.

Trabalharemos também com a noção de recorte, elaborada por Guimarães (2011). Para Guimarães o recorte é um fragmento da enunciação e, esses fragmentos são correlacionados independentemente da posição na sequência. Ou seja, mesmo que o fragmento não esteja na sua sequência dentro da enunciação, ele se relaciona com o todo. Essa explicação sustenta a opção por recortes das pregações que não são analisadas na íntegra, mas a partir de recortes que nos pareceram significativos para nossa análise.

Primeiramente serão utilizados recortes das transcrições dos cultos que foram gravados e, subsequentemente, será feita uma análise qualitativa cujo objetivo é mobilizar os elementos teóricos discutidos na revisão, com a intenção de qualificar a leitura e interpretação das pregações estudadas. Pretendemos também analisar se os enunciados supõem a possibilidade da reversibilidade. Intencionamos analisar os elementos que o locutor utiliza para mobilizar e atualizar a língua, influenciando diretamente os seus interlocutores, como os índices específicos e procedimentos acessórios, seguidos por uma reflexão que remete a relação entre os interlocutores, entre o autor e seus ouvintes. Essas categorias fazem parte de um aparato linguístico, que o locutor mobiliza, colocando a língua em funcionamento. Assim,

instaurando a enunciação e produzindo sentido diante dos seus interlocutores. Queremos discutir se os locutores da enunciação estabelecem condições para que a reversibilidade seja possível, ou se criam apenas a ilusão de que os enunciados dos interlocutores são reversíveis.

4. PREGAÇÕES RELIGIOSAS: Análise de pregações no contexto evangélico e católico.

Para as análises a seguir, assim como foi proposto na metodologia, trabalharemos com a noção de recorte Guimarães (20011). Não temos a pretensão de analisar a pregação inteira, já que cada uma delas reúne, em média, uma hora de enunciados e, se fossem transcritas, gerariam grande quantidade de recortes. Não pretendemos fazer aqui uma análise quantitativa, e sim qualitativa, onde iremos recortar determinados trechos que sejam significativos para a nossa discussão.

Recorte 1: Pregação Evangélica

Hoje estou revoltado com esses crentes que na oração não falam, mas na servidão eles falam até demais... Na profundidade eles não falam. Porque crente profundo fala menos. Crente que tem profundidade, crente que tem comunhão com Deus fala menos, escuta mais, ouve mais, aprende mais e pensa mais. Agora, quem está na servidão tem que falar, tem que postar, tem que escrever... Tem que falar. Crente que está na servidão fala mais que o Satanás. Isola vídeo, isola textos, isola... Isola argumentos sem contexto e com pretexto pra ferir. Nunca fez um curso básico de teologia e quer criticar a pregação do pastor. Cresce, filho, pelo amor de Deus... Cresce. Provérbios dizem que: “Quem tem conhecimento encobre ouro”. Tem crente que não congrega, não ouve seu pastor, não senta na escola dominical, não senta no culto de doutrina e não tem compromisso com o corpo de Cristo, e quer pregar para o povo de Cristo? Fala demais, se aprofunda pouco... Quem tem uma vida de profundidade não precisa falar pra provar. Porque quem é na prova, é discernido... ATÉ O TOLO SE DÁ COMO SÁBIO QUANDO ELE FALA MENOS. Orar não. Orar, tu pode falar e gritar, rasgue a alma e chore. Agora, ficar falando pra um e pra outro, ficar postando vai mudar o quê? (a platéia responde aos gritos: “Gloooria Deus”). Ai acaba o culto e vai pro facebook detonar o culto, detonar o pastor. Vai aprender a ser crente e obedecer.

No recorte, podemos observar a instauração da enunciação pelo locutor, que atualizado na pregação pela forma verbal *estou* mobiliza o interlocutor diante de si. Mas como isso ocorre? Entendemos que há uma situação de interação entre pastor e fiéis, locutor e interlocutores, inicialmente, porque sabemos que o recorte transcrito neste estudo constitui-se

em parte de uma pregação proferida de fato em uma igreja. Mas o pastor inicialmente dirige-se a uma 3ª pessoa, ao que Benveniste chamaria de pronome da não pessoa. Mas recomenda com a autoridade de um pai que, ao dirigir-se ao filho, evita nomeá-lo, para não o constranger, mas o instrui mesmo assim. Ao usar a expressão *crente(s)*, designa a terceira pessoa e, com isso, não faz acusações diretas a ninguém que esteja presente na platéia, mas dirige-se a qualquer um cuja conduta seja semelhante à descrita pelo pastor como repreensível.

Mais adiante o interlocutor é nomeado e, quando isso ocorre, ele é chamado de *filho*, depois como *tu*, por fim, o interlocutor vem implícito nas formas verbais do modo imperativo, como em *rasgue* (você), *chore* (você). O pastor determina como o fiel deve proceder em qualquer um dos casos, quer se dirija a ele em 3ª pessoa, quer em 2ª. E repreende o fiel que, supostamente, não age de acordo com os preceitos ditados pelo pastor. Destacamos também que nesse recorte nenhum livro que represente a doutrina a que o pastor se alinha é citado.

Observamos agora, um fragmento interessante que suscita alguns comentários: “*Hoje estou revoltado com esses crentes que na oração não falam, mas na servidão eles falam até demais... Na profundidade eles não falam*”. Nesse caso o locutor usando o pronome da não pessoa – *eles* – ou palavras que apontam para a não pessoa da enunciação – *esses crentes* – parece dirigir-se à segunda para determinar condutas apropriadas e dar instruções.

Importante também destacar os modos e tempos verbais mobilizados. A pregação se ampara basicamente no presente do indicativo, mas que exerce a função de imperativo. Observemos um exemplo de enunciados proferidos no presente do indicativo com função de imperativo: “*Crente que tem profundidade, crente que tem comunhão com Deus fala menos, escuta mais, ouve mais, aprende mais e pensa mais*”. Esses enunciados estabelecem a noção de certeza, ação habitual, indicação de conduta e produzem o sentido de que a palavra do pastor apresenta algo verdadeiro e incontestável.

O imperativo, utilizado pelo locutor do culto religioso, é o modo que servirá para a instrução, para a ordem. É o que acontece em “Cresce, filho, pelo amor de Deus... cresce.” Nesse fragmento o locutor dá uma ordem a seus interlocutores. O mesmo acontece no enunciado: “Vai aprender a ser crente e obedecer.”

Interessante destacar, também, o discurso do pastor que faz referência à *servidão* a qual é enunciada em várias ocasiões. O discurso desse locutor está carregado de ideologia religiosa, portanto, este mesmo locutor recupera termos bíblicos para validar seu discurso. Para tanto, utiliza o substantivo feminino “servidão” em referência ao reino do Egito, que recebia o nome de casa da servidão pelo fato de escravizar o povo hebreu. Eles eram obrigados a servir a dois senhores, a Deus e aos faraós, impossibilitando que o povo de Deus o reverenciasse integralmente. Daí a idéia de que não podemos servir a dois senhores: ou bem servimos a Deus, ou bem servimos ao faraó. Para o locutor, atualmente existe uma nova casa da servidão, conhecida como rede social que impede os fiéis de se dedicar a Deus, ou seja, estão escravizados pela informação instantânea e anônima.

Observamos neste recorte a posição de vicário do locutor, o qual diz o que diz por que está autorizado pela igreja, já que é o representante da voz de Deus. Sendo assim, ele adota um discurso autoritário, pautado pela advertência. Isso porque quem possui o conhecimento e a verdade é o próprio pastor. Seu discurso é o da verdade ou da instrução e da ordem. A resposta esperada dos interlocutores é a submissão, a aceitação dos valores propostos pelo pastor. Verificamos a aceitação pela resposta “*Glooooooria a Deus*”, proferida pelos fiéis. Não temos condição de avaliar se a resposta representa uma total conformidade ou a resposta esperada no contexto da pregação. É possível supor, no entanto, que o culto não é o lugar do embate, mas da submissão, da confirmação da autoridade do pastor, vicário autorizado a representar a voz de Deus.

Recorte 2: Pregação evangélica

Hoje conversarei com o “Pai” e pedirei graças para todos vocês. Todos em pé e fechem os olhos. Pai sopra o teu vento, teu fôlego, Pai. Desobstruindo, meu Deus, como você fez lá na praia dos egípcios, Pai. O senhor mandou um vento e mandou todos os gafanhotos e as pestes para longe no mar. Envia Pai, o teu vento. Quero que haja uma cura... Restaura meu Pai, abençoa o povo da tua igreja, teu povo. Ai Pai, o senhor disse que o ímpio será castigado, mas eu não tenho prazer com a morte do ímpio, senão que ele se arrependa para que viva. É como o senhor falou: “se um dia eu morrer, eu deixarei de ser amor, se um dia eu morrer, eu deixarei de me preocupar até com o ímpio”. Eu não tenho prazer, eu tenho alegria que ele se converta e saia do mau caminho. Jesus nos dá vida para não precisarmos mais bater em rocha para beber a água da vida (inclui os fiéis)... Enche tua igreja com teu espírito santo. Paaaaai, daqui a pouco iremos (pastor junto com fiéis) lá pra fora, e alguns de nós

esperam batalhas. Paaaaai, eu não quero me esconder na caverna, eu quero me fortalecer. Eu tenho um caminho muito longo ainda, Pai. Não é hora de dormir, não é hora de cochilar, é hora de comer o pão e a água que o senhor tem nos dado, porque o caminho vai ser muito longo. Renova a força da tua igreja, faz o teu povo obedecer tua palavra para conseguir a salvação.

Nesse recorte, o locutor dirige-se ao interlocutor desde o primeiro enunciado para avisar que nesta ocasião ele não participará da interlocução. Ele será apenas uma testemunha da interlocução entre deus e o pastor/locutor. Eis o enunciado: “*Hoje conversarei com o Pai e pedirei graças para todos vocês*”. Depois disso, vem a instrução para que “fechem os olhos”, porque o diálogo com a divindade vai começar. Diálogo: interlocução entre o pastor - eu - e deus a quem o eu se dirige, chamando-o de “pai” marcado pelo vocativo, expressões de chamamento. O interlocutor do pastor é Deus.

O locutor deixa claro que somente através de seus enunciados, os fiéis poderão receber as graças. Também assume a posição de intercessor quando diz: “*Ai Pai, o senhor disse que o ímpio será castigado, mas Eu não tenho prazer, eu tenho alegria que ele se converta e saia do mau caminho*”, “*eu não tenho prazer na morte do ímpio*”. Nos enunciados o locutor se mostra mais condescendente que Deus e poderia implantar uma dúvida nos fiéis que poderia ser assim enunciada: “- Em outra oportunidade, não seria melhor dirigir-me ao vicário em vez de me dirigir a Deus, já que aquele é mais condescendente que a divindade?”

O locutor do recorte utiliza sua posição de intercessor para fazer pedidos a Deus e, para isso, o faz utilizando verbos no imperativo. Observamos essa mobilização da língua nos seguintes fragmentos: “*sopra teu vento*”, “*restaura meu pai*”. Na enunciação, o locutor também usa a interjeição “*Ai*”, bem como a prolongação da vogal “a”, do substantivo pai, quando o vicário diz: “*paaaaai, eu não quero me esconder na caverna*”. Dessa forma instaurando a súplica e a comoção diante dos fiéis. Outros fragmentos interessantes do recorte são os que dizem: “*Jesus nos dá vida para não precisarmos mais bater em rocha para bebermos água da vida*”, “*paaaaai, daqui a pouco iremos lá pra fora, e alguns de nós esperam batalhas*”. Observamos que o locutor utiliza esses enunciados para se aproximar dos fiéis e incluí-los na enunciação. Também observamos que o locutor utiliza o substantivo

“Igreja”, mas que significa no contexto, não a igreja concreta, mas os próprios fiéis. Desse modo os crentes se sentem acolhidos pelo vicário e pela divindade. Mas provavelmente eleja o pastor como seu intercessor, pois é ele que pede as graças, e se mostra mais preocupado principalmente com o *ímpio*. Encontramos nesse recorte várias proposições que indicam a intenção do locutor em concretizar sua posição de vicário, no entanto ele se nivela com seus interlocutores, incluindo-os na enunciação quando utiliza a primeira pessoa do plural para mostrar que está próximo dos crentes: “Paaaaaaai, daqui a pouco iremos lá pra fora, e alguns de nós esperam batalhas”. Esta aproximação com os interlocutores produz uma expectativa de reversibilidade, uma vez que o locutor pode interceder pelo fiel junto a Deus e abre um canal direto com os fiéis que se sentem encorajados a fazer pedidos para Deus através do pastor.

Recorte 3: pregação católica

Bom dia a todos os irmãos e irmãs. Neste domingo colocarei uma sementinha nos corações dos casais aqui presentes. Principalmente se vocês que são casados e não convivem... Se vocês não se separarem, vocês vão adular, e vão estar morando juntos?... Sem contar né, a esposa que vai e cai numa masturbação, o marido que vai e cai também. Não convive, to cansada, to cansado e é um cansaço muito grande... Só que durante o dia, o colega lá de estudo, o colega lá do trabalho toda hora junto, toda hora conversando. Fazendo estudo junto, né? Uma mulher casada lá, fazendo trabalho de faculdade, de escola... Os dois juntos lá. Aí não tem muita presença com o marido porque passa mais tempo fora do que dentro. Aí vem o pensamento, vem o sonho. Depois vem aquele tipo de conversinha... Sonhei contigo essa noite, ah, vai com essa história de que sonho. Porque quando se sonha, o pensamento já está longe. Quando essas mulheres começam a sonhar com outra pessoa... Já ta longe. Quando esses homens começam a sonhar com outra pessoa... já ta longe. Pode acreditar que a coisa ta caminhando para um caminho errado. Uma vez eu tava observando um casal. Eles não comem em casa, eles comem no restaurante, mas chega um dia que o marido vai dizer... “eu nunca comi sua comida”. Qual marido que não quer comer a comida da esposa, ainda mais que ele vai ficar ouvindo que a esposa do colega dele faz uma comida gostosa. Até quando ele vai viver de lanche? O cara vai ficando emburrado, vai ficando de cara feia. Comendo em restaurante, um casamento desses não vai pra frente não.

Neste recorte, observamos um locutor que se distancia de uma prática enunciativa católica convencional, no sentido de que, na hora do sermão, em vez de amparar-se em uma passagem da Bíblia ou outro texto religioso, o que é bem comum na missa católica, adota uma postura mais informal. Podemos dizer que ele não confirma sua posição de vicário, pois está alinhado ao senso comum e às vozes sociais que orbitam o entendimento das relações pessoais. No recorte, encontramos um locutor que parece não estar produzindo enunciados no lugar de deus, mas, amparando-se nas vozes sociais do cotidiano, para tentar convencer seus interlocutores na enunciação.

Os enunciados proferidos por esse locutor estão impregnados de traços da oralidade mais informal: “né, aí”, que mostram a tentativa de aparecer no mesmo nível dos interlocutores, colocando-se como alguém que é conhecedor das relações entre marido e mulher. Isso porque ele resgata do âmbito social, conceitos acerca de família e conservadorismo, quando confirma o lugar da mulher e do homem no contexto familiar, que são previamente estabelecidos pela sociedade conservadora. Depreendemos essa posição de enunciados como: “Qual marido que não quer comer a comida da esposa, ainda mais que ele

vai ficar ouvindo que a esposa do colega dele faz uma comida gostosa. Até quando ele vai ficar vivendo de lanche? Este pregador católico recorre a repetições como: “*toda hora, toda hora*”. Assim, estabelecendo paralelismos e redundâncias pleonásticas como no enunciado: “*caminhando para o caminho errado*”. Que por sua vez, nos remete ao discurso simplista e preconceituoso.

Podemos supor que o locutor do recorte analisado, tenta utilizar uma linguagem que se aproxima do cotidiano de seus interlocutores, para interpelá-los, adverti-los e influenciá-los acerca das obrigações dos maridos e principalmente das mulheres no casamento. Mas ao fazê-lo, ele deixa fora da enunciação a divindade, bem como os preceitos religiosos esperados em uma pregação religiosa católica. A enunciação estabelecida pelo locutor nos leva a supor que o locutor acaba enunciando do campo da incerteza. Diferentemente de seus colegas evangélicos, usa o modo subjuntivo (“*Se vocês não se separarem...*”) e conetivos indicativos de condição (“*Principalmente se vocês que são casados e não convivem..*”) que têm o potencial de problematizar o que o padre diz. Talvez de desautorizar o padre, condição favorável à reversibilidade. Esse padre não argumenta do paradigma da certeza, mas da dúvida, da formulação de outras possibilidades. Além do subjuntivo, os índices de interlocução apontam para a expectativa de aprovação. A princípio, o vicário por deter toda a verdade não precisa dela.

Entendemos que a sociedade é diretamente influenciada pela religião, bem como, os enunciados produzidos por seus integrantes. No entanto, nenhum dos locutores/autores dos recortes analisados cita diretamente as escrituras, ou seja, apenas fazem menção a passagens bíblicas e incorporando suas próprias interpretações aos textos sagrados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou analisar e entender elementos enunciativos presentes nas pregações religiosas em igrejas evangélicas e católicas. Com isso pudemos observar as estratégias que os pastores utilizam em seus enunciados. Durante as análises, encontramos uma gama de situações enunciativas e formais, que dizem muito sobre esses locutores autorizados pela igreja.

Para atingir uma compreensão global sobre o discurso religioso, foi necessário entender como seus locutores utilizam a língua para convencer ou interpelar os interlocutores. Para tanto, este trabalho percorreu as estruturas da língua e do discurso que possibilitam aos locutores da enunciação, produzir enunciados adequados aos seus interlocutores.

Através das estruturas que a língua oferece, pudemos observar uma gama de possibilidades que os locutores do discurso religioso utilizam para produzir enunciados que interpelam, advertem, convencem e determinam a posição desses locutores em seus contextos. Analisamos recortes de duas igrejas evangélicas e um de uma igreja católica, que se mostraram produtivas para nossa pesquisa. Principalmente no que diz respeito à intenção dos pastores em confirmar sua posição de vicário, ou seja, estar no lugar de deus e representar a voz do todo poderoso na terra. Também pudemos observar a utilização das categorias de pessoa e não pessoa para determinar o lugar de cada integrante na enunciação. Podemos supor que os enunciados produzidos por pastores e padres, podem estar voltados para a tentativa de produzir uma ilusão da reversibilidade, isso porque os enunciados proferidos por esses locutores incluem os interlocutores, mas podem não proporcionar a troca de papéis locutor/interlocutor. Entendemos que os locutores do discurso religioso não se interessam pelos enunciados produzidos por interlocutores. Na prática os pastores e padres utilizam a língua para dar ordens, interpelar, advertir e confirmar sua posição de vicário. Fazem isso usando o aparelho formal da língua. Por isso, predominam verbos no imperativo (recorrente nas pregações religiosas) ou o modo indicativo para presumir a certeza e a verdade. Também

utilizam as categorias de pessoa para estabelecer a posição de cada participante na enunciação. Desse modo, não deixam espaço para os enunciados dos interlocutores.

Este trabalho não teve como objetivo apresentar resultados conclusivos ou totalizantes. Elegemos apenas alguns recortes de pregações proferidas no culto evangélico ou na missa católica, mesmo sabendo da importância de outras religiões como as ameríndias ou as de matriz africana. No entanto, é possível dar continuidade a esse trabalho e aprofundar os estudos em outras situações. Cabe, por fim, uma última ressalva, este trabalho dedicou-se a analisar os enunciados dos locutores, suas estratégias e intenções para com seus interlocutores. A partir disso, fizemos suposições que incluem seus interlocutores, os fiéis, mas não temos acesso a suas respostas. Analisamos as possibilidades de reversibilidade, a partir do locutor. Esse é, sem dúvida, um tema muito produtivo para trabalhos futuros.

6. REFERÊNCIAS

GUMARÃES, Eduardo. **Análise de texto: procedimentos, análises, ensino.** Campinas (SP): Editora RG, 2011.

MONTEIRO, Paula. **Magia e pensamento mágico.** São Paulo (SP): Editora Ática, 1990.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I.** Trad. Maria da Gloria Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005.

_____. **Problemas de linguística geral II.** Trad. Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste.** São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação,** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso.** 4. ed. Campinas (SP): Pontes, 2006.

SOBRAL, Adail Ubirajara. A concepção de autor do "Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov": confrontos e definições. **Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 2., Dez. 2012, p. 123-142.

BAKHTIN, M./(VOLOCHINOV). Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.